

A VERDADE E AS "VERDADES"

Uma das mais básicas noções de Lógica é o chamado Princípio da Não-Contradição. Ele pode ser expresso de maneira bastante simples: se duas afirmações se contradizem (por exemplo, "A capital do Brasil é Brasília" e "A capital do Brasil é Buenos Aires"), ou uma delas está certa e a outra errada ou ambas estão erradas.

Deus, que é infinitamente perfeito, evidentemente não pode entrar em contradição consigo mesmo. Assim sendo, a Verdade só pode ser uma só, e tudo o que a contradiz é errado. Nosso Senhor Jesus Cristo disse que Ele é "o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6). Do mesmo modo, a Sagrada Escritura nos adverte que há apenas "Um só Senhor, uma só Fé, um só Batismo" (Ef 4,5). Nosso Senhor, antes de ser preso e crucificado, afirma que deu aos Seus discípulos (os Apóstolos, a Igreja) a glória que o Pai Lhe deu para que sejam um, como Cristo e o Pai são Um (Jo 17,22). Isto mostra que, evidentemente, o princípio da não-contradição é válido ao tratarmos da Verdade. O Senhor é único, a Verdade é única, o Caminho é único (Ele não disse que era "uma verdade", ou que era "as verdades"; não disse que era "um caminho", ou que era "os caminhos"); a Fé é única, o Batismo é único. A Igreja verdadeira é também uma só.

Encontramos porém hoje em dia muitas pessoas que negam este princípio básico da Lógica, ao menos no que se aplica ao Cristianismo. Eles afirmam que a Igreja é composta invisivelmente da soma de todos os que crêem em Jesus e O aceitam como Salvador. Há porém um problema seriíssimo neste raciocínio:

Em que Jesus eles crêem? Cada grupo, cada protestante que se afirma salvo crê em um "jesus" diferente. O "jesus" dos batistas nega a eficácia do Batismo, que para ele é simbólico. O "jesus" dos metodistas afirma que o Batismo é eficaz e faz da pessoa um filho de Deus. O "jesus" dos adventistas preocupa-se quase que exclusivamente com a manutenção do sábado dos judeus - sendo que guardar o domingo seria para este "jesus" a marca da Besta - gastando ainda uma certa dose de energia para proibir fumar cigarros, comer carne ou beber cafeína - ao passo que outros "jesuses" mandam descansar no domingo, ou até em dia nenhum.

O "jesus" de uma conhecida modelo "disse a ela em seu coração" que não haveria problema algum em apresentar um programa de venda por telefone de produtos de sex-shop e posar nua para uma revista; dificilmente seria esta o mesmo "jesus" da "Assembléia de Deus", que exige saias abaixo do joelho para as mulheres!

Esta multidão de "jesuses" faz com que seja bastante fácil, na verdade, "aceitar Jesus". Basta procurar uma seita que tenha um "jesus" suficientemente parecido com o que a própria pessoa deseja e o problema está resolvido. Uma conhecida figura política carioca queria viver com uma pessoa que já era casada. O "jesus" de sua seita, entretanto, não permitia segundas núpcias. Nada mais fácil: bastou passar a "congregar" em outra seita cujo "jesus" permitia a legitimação do adultério e o "casamento" pôde ser feito.

Para os protestantes da primeira seita, porém, esta pessoa continua sendo uma "evangélica" em boa situação, pertencente à "Igreja invisível" que reúne todos os que aceitam um "jesus" fabricado por encomenda em seus corações! O fato dela ter escolhido reunir-se ("congregar-se") com outras pessoas cuja crença está em contradição com a crença da seita em que saiu não é em absoluto motivo suficiente para ela deixar de ser "contada entre os eleitos" por aqueles que ela deixou. O fato dela ter escolhido uma "verdade" que esta em contradição com a "verdade" pregada pela seita de que saiu, na opinião deles, não significa que ela não siga a (um) "jesus" e assim seja parte desta "Igreja invisível" e auto-contraditória.

Como isso pode ocorrer? Como o princípio de não-contradição pode ser tão soberbamente ignorado? É simples: o orgulho humano prefere criar um "jesus" a sua imagem e semelhança que aceitar Nosso Senhor Jesus Cristo, cujas palavras são freqüentemente duras de ouvir (Jo 6,61). Esta idolatria (não há outro nome para a adoração de uma criação humana) é infelizmente a marca do protestantismo. Não há, para eles, uma só Fé, um só Batismo, um só Caminho, uma só Verdade. Há apenas a união no ódio à Igreja verdadeira e na negação de aceitar o Verdadeiro Cristo, substituído por uma criação humana que por ter sido apelidada por seus criadores de "jesus" poderia, acham eles, salvar.

Autor: Carlos Ramalhete - Livre cópia e difusão do texto em sua íntegra com menção do autor.